

O CAMINHO ATÉ ATALAIA

THE PATH UNTIL ATALAIA

EL CAMINO HASTA ATALIA

Buendia, Roxana Ruiz

RESUMO

Neste texto narro o processo de co-construção do tema de pesquisa junto a lideranças pesqueiras artesanais da Reserva Extrativista de Canavieiras (Resex de Canavieiras), unidade de conservação federal marinho-costeira no litoral sul baiano, no Brasil, e que é onde estou conduzindo a pesquisa de doutorado. Fazendo uso de fundamentos de estudos autobiográficos, documentais e autoetnográficos, descrevo as circunstâncias que me fizeram chegar até Atalaia, núcleo pesqueiro artesanal dentro da Resex de Canavieiras e apresento a história da pesca artesanal na região do litoral sul baiano que atualmente comporta à Resex, as principais características dessa prática e o processo de criação da Reserva.

Palavras-Chave: Narração. Reserva Extrativista de Canavieiras. Pesca Artesanal. Co-construção de pesquisa.

ABSTRACT

In this text I narrate the process of co-construction of the research topic together with artisanal fishing leaders from the Canavieiras Extractive Reserve (Resex de Canavieiras), a federal marine-coastal conservation unit on the southern coast of Bahia, Brazil, and which is where I am conducting my doctoral research. Using foundations of autobiographical, documentary and autoethnographic studies, I describe the circumstances that led me to arrive at Atalaia, an artisanal fishing center within the Resex de Canavieiras, and I present the history of artisanal fishing in the region of the south coast of Bahia that currently includes the Resex, the main characteristics of this practice and the process of creating the Reserve.

Keywords: Narration. Canavieiras Extractivist Reserve. Artisanal fishing. Co-construction of research.

RESUMEN

En este texto narro el proceso de co-construcción del tema de investigación con líderes de pesca artesanal de la Reserva Extractivista de Canavieiras (Resex de Canavieiras), área natural protegida federal marino-costera en la costa sur de Bahía, Brasil, y donde estoy desarrollando la investigación doctoral. basado. Utilizando fundamentos de estudios autobiográficos, documentales y autoetnográficos, describo las circunstancias que me llevaron a llegar a Atalaia, núcleo pesquero artesanal dentro de la Resex de Canavieiras, y presento la historia de la pesca artesanal en la región del litoral sur de Bahía que actualmente contiene a la Reserva, las principales características de esta práctica y el proceso de creación de la Reserva.

Palabras Clave: Narración. Reserva Extractivista de Canavieiras. Pesca artesanal. Co-construcción de investigación.

INTRODUÇÃO

Este é o trabalho final da disciplina “Geografias e Pesca Artesanal”, ministrada por professoras e professores da Rede de Geografias da Pesca no segundo semestre de 2023. Ele é o primeiro esboço de um capítulo da tese que produzi sob a orientação da professora Valéria Giannella e a co-orientação do professor Paulo Dimas, no Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade (PPGES) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). O presente capítulo terá dois temas centrais: as circunstâncias que me fizera chegar e permanecer em Atalaia, núcleo pesqueiro artesanal do município de Canavieiras/BA que está dentro da Reserva Extrativista de Canavieiras (Resex de Canavieiras), Unidade de Conservação (UC) alvo da minha pesquisa e, o processo de co-construção do tema de pesquisa junto a lideranças do lugar.

Usei como ponto inicial de construção deste texto o trabalho final que apresentei para o componente curricular “Memória, narrativas e histórias de vida”, ministrado pela professora Lilian Richter no segundo quadrimestre de 2022, ainda no meu primeiro ano no doutorado. Naquele momento, a narração foi inspirada pelo conselho da professora Lilian, de apresentarmos as circunstâncias nas quais obtemos informações primárias da pesquisa, e por uma das ideias de um dos textos discutidos durante o componente: “Contamos histórias porque, finalmente, as vidas humanas têm necessidade e merecem ser narradas” (Ricœur, 2012, p. 309).

Para desenvolver o texto, resgatei informações do meu diário de campo e da revisão bibliográfica que fiz. Por uma parte, iniciei o diário de campo em setembro de 2022, mês em que fui pela primeira vez à Resex de Canavieiras. Mas intensifiquei a escrita nele a partir de fevereiro de 2023, quando me mudei para Atalaia. Como sugerido por Beaud e Weber (2007, p. 66-68), uso o diário de campo para sistematizar as reflexões sobre a pesquisa que têm me provocado encontros presenciais com pescadoras/es artesanais da Resex e encontros presenciais e virtuais com acadêmicas/os. Por outra parte, a revisão bibliográfica refere-se ao levantamento que fiz de dissertações e teses que têm à Resex de Canavieiras como área ou caso de estudo (Triviños, 1987, p. 133-134). Até dezembro de 2023, achei ou recebi o arquivo pdf de nove dissertações e quatro teses defendidas entre 2007 e 2023, em dez programas de pós-graduação, em oito universidades públicas brasileiras, em quatro estados do país (Tabela 1). Desses textos, apenas tive tempo de revisar as dissertações e teses de Aniram Lins Cavalcante e Raquel de Carvalho Dumith. Por isso, verão que o texto está cheio de citações de citações. Este problema será solucionado quando for retomado o desenvolvimento do capítulo da tese e ler as fontes originais.

Tabela 1: Dissertações e teses que incluem estudos sobre o cuidado e defesa do maretório que atualmente comporta a Reserva Extrativista de Canavieiras, identificadas até dezembro de 2023.

Ano de defesa	Autor/a	Programa de Pós-Graduação	Nível	Instituição de Ensino Superior	UF	Título do trabalho defendido
2007	Ricardo Augusto Souza Machado	Geografia	M	UFBA	BA	O meio natural na organização produtiva da população tradicional do município de Canavieiras/BA
2011	Aniram Lins Cavalcante	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	M	UESC	BA	A arte da pesca: análise socioeconômica da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia
2012	Raquel de Carvalho Dumith	Geografia	M	FURG	RS	Dinâmicas do sistema de gestão na Reserva Extrativista de Canavieiras (BA): análise da robustez institucional e de possibilidades para o ecodesenvolvimento
2013	Valéria Marques Tavares de Menezes Ettinger	Desenvolvimento e Gestão Social	M	UFBA	BA	Tecendo a Rede de Mulheres de Comunidades Extrativistas e Pesqueiras do Sul da Bahia: reconhecendo e afirmando “ser” mulher
	Marina Morena A. Figueiredo	Geografia	M	UFBA	BA	Trabalho e participação política das pescadoras na Reserva Extrativista (RESEX) Canavieiras-BA
	Michelle Souza Barreto Rodrigues	Ciências Ambientais	M	UESB	BA	Avaliação da segurança alimentar e sustentabilidade na Rede e Mulheres da Resex-Canavieiras
2016	Aniram Lins Cavalcante	Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente	D	UESC	BA	Reservas Extrativistas Marinhas na Bahia: uma análise socioeconômica e ambiental da pesca artesanal
	Geusa da Purificação Pereira	Extensão Rural	M	UFV	MG	Organização comunitária como ferramenta de luta para a criação e consolidação da Reserva Extrativista Marinha de Canavieiras-BA
2017	Mario Alberto Santos	Geografia	D	UFBA	BA	Espaço, Geografidades e Ação Política Comunitária na Resex Marinha de Canavieiras-BA
	Raquel de Carvalho Dumith	Geografia	D	UFF	RJ	Tensões territoriais na Reserva Extrativista de Canavieiras (BA): comunidades tradicionais enquanto movimento de resistência à gestão estatal e sua racionalidade
2020	Paula Pimenta Gomes	Estado e Sociedade	M	UFSB	BA	Samba de Roda das Marisqueiras: Corpos e Instrumentos em Luta
2021	Valentina Fortunato	Ecologia e Conservação da Biodiversidade	M	UESC	BA	Redes de colaboração na Reserva Extrativista de Canavieiras, Brasil
2023	Victor André Niklitschek Ursula	Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade	D	UFRRJ	RJ	A prática instituída da Reserva Extrativista Marinha de Canavieiras-BA: conservação da biodiversidade e segurança alimentar

Fonte: Elaboração própria. Acrônimos: BA-Bahia, FURG-Universidade Federal do Rio Grande, D-Doutorado, M-Mestrado, MG-Minas Gerais, RJ-Rio de Janeiro, RS-Rio Grande do Sul, UESB-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESC-Universidade Estadual de Santa Cruz, UF-Unidade Federativa, UFBA-Universidade Federal da Bahia, UFF-Universidade Federal Fluminense, UFRRJ-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFSB-Universidade Federal do Sul da Bahia, UFV-Universidade Federal de Viçosa.

Este texto está estruturado em três segmentos. No primeiro, de natureza autobiográfica (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 370), relato as circunstâncias que me fizeram chegar até Atalaia. No segundo, de caráter documental (Triviños, 1987, p. 98-105), apresento a história da pesca artesanal na região do litoral sul baiano que atualmente comporta a Resex de Canavieiras, as principais características dessa prática e o processo de criação da Reserva. Por fim, no último segmento, de essência autoetnográfica (Santos, 2017), descrevo o processo de co-construção do tema de pesquisa junto a lideranças pesqueiras artesanais da Resex de Canavieiras.

CIRCUNSTÂNCIAS QUE ME FIZERAM CHEGAR EM ATALAIA

O primeiro contato que tive com a Resex de Canavieiras foi durante o IX Seminário Brasileiro sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social (SAPIS) e o IV Encontro Latino Americano sobre Áreas Protegidas e Inclusão Social (ELAPIS), realizado em Recife/PE, em dezembro de 2019. Na época eu fazia o mestrado em Gerenciamento Costeiro na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Rio Grande do Sul. Estudava a participação social conquistada (Demo, 2009) por comunidades pesqueiras artesanais do litoral norte fluminense, propiciada por ações de educação ambiental crítica, sob orientação da professora Tatiana 'Tati' Walter. Mesmo que a investigação que desenvolvia não tinha vínculo direto com áreas protegidas, estava contemplada pela parte de inclusão social dos eventos. Na ocasião, também conheci à primeira *comunitária*¹ da Resex de Canavieiras, uma belmontense catadora de mariscos e agora grande amiga.

Um ano depois do SAPIS/ELAPIS, durante a reta final do mestrado, Tati disse que se eu quisesse continuar aprendendo sobre participação social conquistada, dessa vez centrada em cenários de gestão ambiental de UC costeiras no Brasil, devia procurar ir à Resex de Canavieiras. Me contou que entre 2004 e 2009 ela foi técnica especializada na Diretoria de Licenciamento Ambiental (DILIC) da Coordenação Geral de Petróleo e Gás (CGPEG) do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). A equipe junto a qual atuava analisava os impactos da indústria de petróleo e gás sobre a pesca artesanal e formulava projetos socioambientais com vistas a mitigar tais impactos. Durante esses anos, atuou no litoral baiano e constatou a força da organização política das/os pescadoras/es artesanais de Canavieiras e arredores. Também mencionou que durante os anos que passaram desde aquela época, esse pessoal tinha fortalecido as associações locais da pesca artesanal e se articulado para exigir a criação e permanência de uma Reserva Extrativista (Resex) no seu território e maretório. Por fim, afirmou que a Resex de Canavieiras era uma referência de gestão ambiental bem sucedida na América Latina, dada a participação qualificada e estratégica das/os pescadoras/es em questões significativas para a defesa do seu modo de vida tradicional.

Depois dessa conversa com a Tati, não procurei mais informações sobre o tema. Por um lado, tive que voltar inesperadamente ao México por causa do início da pandemia de Covid-19. Pelo outro, dei prioridade à escrita e defesa da dissertação, encontro virtual que aconteceu em novembro de 2020. Ambas situações foram estressantes, mas não apagaram o interesse de estudar na Resex de Canavieiras.

Em março de 2022 fui aceita no PPGES com um anteprojeto co-construído entre a Tati e eu. O tema central dele eram os processos de formação de pescadoras/es da Resex de Canavieiras enquanto lideranças políticas que lutam pelo território do qual suas comunidades tradicionais dependem. Dois meses depois, me mudei para Porto Seguro/BA diante do retorno das aulas presenciais. Em agosto desse ano fui pela primeira vez à Reserva de Canavieiras. A professora Ana Carneiro², que conheceu minha proposta de tema de pesquisa

¹Forma comum de extrativistas se autodenominarem, especialmente durante momentos compartilhados com maiorias não-extrativistas, como eventos acadêmicos.

²Professora do componente curricular Metodologia de Pesquisa Social.

durante uma aula, me convidou a acompanhá-la à reunião ordinária do Conselho Deliberativo da Resex de Canavieiras, nas instalações da Associação de Pescadores, Marisqueiras e Moradores da Atalaia (APEMA), pois era a representante da UFSB nessa instância. Ter participado como ouvinte nessa reunião foi transcendental para mim porque finalmente se materializaram as imagens mentais que tinha criado das lideranças da Resex e do próprio lugar. A materialização, por sua vez, me fez refletir sobre duas questões: a relevância de retomar as leituras sobre a Resex e a oportunidade de aprender *in situ* sobre o tema da pesquisa ao morar dentro da Resex de Canavieiras.

O CUIDADO E DEFESA DO LITORAL SUL DA BAHIA POR MEIO DA RESEX DE CANAVIEIRAS

Os primeiros registros coloniais da pesca artesanal na região do litoral sul da Bahia datam desde finais do século XVII. A extração pesqueira, assim como o cultivo de mandioca, coco e cana-de-açúcar foram as principais atividades de colonos portugueses e brasileiros que migraram da Capitania de Ilhéus até a região onde atualmente está o Puxim, distrito de Canavieiras. Cerca de quatro décadas depois, decorrente de conflitos com o povo originário Pataxó, um grupo desses colonos se deslocou alguns quilômetros ao sul, até a foz do Rio Pardo. As atividades de sustentação econômica permaneceram as mesmas, adicionando-se o cultivo de cacau nos últimos anos do século XVIII (França Filho, 2009 *apud* Dumith, 2012, p. 93-94). Entre 1851 e 1960, a produção cacauera e depois a pecuária se consolidaram na região. Ambas atividades aceleraram a devastação da mata nativa (Aguiar, 2011 *apud* Dumith, 2012, p. 95) e a acumulação e concentração fundiária (Machado, 2007 *apud* Dumith, 2012, p. 95).

As dinâmicas da pesca artesanal local foram alteradas pelo comércio cacauero em dois momentos: no auge da produção de cacau e depois da crise. Dois pescadores entrevistados por Raquel (Dumith, 2012, p. 96) exemplificam influências do primeiro momento.

Os fazendeiros não queriam que os trabalhadores matassem as crias [de gado] e comessem as plantações. Todas fazendas, quase todas, tinham lá dentro um barracão, que era uma venda, aonde a família era obrigada a comprar ali pro dinheiro não sair de dentro da fazenda. E o valor da carne era alto, por isso o cara ia pegar o peixe. E como não tinha manejo de uso naquela época, nego chegou em Canavieiras detonando. (Pescador da Barra Velha).

Isso do domínio do colonialismo [sic], de obrigar o empregado a comprar no barracão, isso acontecia em toda a região: da fazenda de cacau à beira da praia. Sempre foi assim. Lá na Atalaia, por exemplo, meu pai, na época era sal, meu pai e meu avô iam pro mar, salgavam não sei quantos quilos de peixe. Só pegavam peixe nobre: badejo, garoupa, cioba, dentão. Os peixes menor, não traziam. Cação, arraia... não tinham valor. Então, eles salgavam aquela ruma de peixe, mas já tinham pra quem entregar. Sempre foi bem definida essa questão de se ter uma dependência muito forte do atravessador, que nada mais é do que, é como se fosse, o coronel da pescaria. (Pescador de Atalaia).

Na década de 1980, a proliferação da praga “vassoura de bruxa” dizimou boa parte das lavouras de cacau da região (Machado, 2007 *apud* Dumith, 2012, p. 97). Isto, aunado à diminuição de empregos relacionados à cabotagem desde o porto de Canavieiras, o que foi provocado, por sua vez, pela abertura de estradas que melhoraram o escoamento de produtos desde o porto de Ilhéus, fez com que trabalhadoras/es da atividade cacauera migrassem para outros setores, incluindo o pesqueiro (Aguiar, 2008 *apud* Dumith, 2012, p. 97).

A Colônia de Pescadores Z-20 foi criada em Canavieiras em 1931. Ela passou a ter um número significativo de associadas/os, aproximadamente 500, a partir da década de 1990. Em números aproximados, havia 700 associadas/os no ano 2000, 1.000 em 2006 e 1.500 em 2012. Nesse último ano, tanto o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em Canavieiras quanto a própria Colônia estimavam que havia, pelo menos, seis vezes mais pescadoras/es sem qualquer tipo de registro (Dumith, 2012, p. 98). O aumento gradativo de pessoas dedicadas à pesca em um município que tem visto sua população

reduzida, em termos reais, desde 1970 até a atualidade³, evidencia a importância da atividade pesqueira em Canavieiras (Dumith, 2012, p. 98).

No município, a população tradicional pesqueira está organizada em sete núcleos principais, localizados em áreas ribeirinhas e insulares. De norte a sul, elas são Oiticica, Puxim (ou Poxim) da Praia (ou de Fora), Puxim (ou Poxim) do Sul (ou de Dentro), Barra Velha, bairros da sede municipal, Atalaia e Campinhos (Dumith, 2012, p. 99). Nestes núcleos, assim como em Pedras de Una, município de Una e Peso, município de Belmonte, localidades que eventualmente foram contempladas pela Resex de Canavieiras, a pesca artesanal marinha e estuarina são as principais atividades de geração de autoconsumo e de renda. O rio, o mar e o mangue são os principais espaços usados pelas/os pescadoras/es dessas localidades. Algumas/ns só trabalham no mangue (Machado, 2007 *apud* Dumith, 2012, p. 99) ou no mar; outras/os, usam dois ou mais desses espaços (Cavalcante, 2011, p. 50-51, 66).

As/Os pescadoras/es de Canavieiras usam embarcações e artes de pesca desenhadas para capturar indivíduos de espécies aquáticas e tamanhos específicos. As embarcações usadas são a bateira, o barco de convés, o bote e a jangada. Já as artes de pesca usadas são as redes e linhas, para capturar peixes de rio e de mar; armadilhas para peixes, lagosta, siri, caranguejo, guaiamum e caranguejo-uçá; enxada para lambreta; facão para lambreta e ostra; e gancho para siri de mangue. Algumas espécies, como o caranguejo, o sururu e o aratu, são coletadas manualmente (Cavalcante, 2011, p. 61-62; Dumith, 2012, p. 100-101).

“Se tá preservado, é porque a população cuidou bem”, afirmou um/a liderança da Barra Velha entrevistada por Raquel Dumith (2017, p. 199). Por mais evidente que pareça essa ponderação, é oposta à tendência do mito moderno da natureza intocada. Ela parte do princípio que o ambiente pode ser preservado se não houver pessoas nos espaços escolhidos para serem ‘protegidos’ (Diegues, 1994, p. 45). No entanto, desde a década de 1990, havia posturas contrárias. Antonio Diegues (1994) afirma que durante milhares de anos, as comunidades tradicionais aprenderam a viver de forma tal que suas ações não eram contrárias à proteção da biodiversidade.

Além da pesca artesanal praticada, um par de ações de cuidado da natureza implementadas antes da criação da Resex de Canavieiras foram o Projeto Ações Integradas para Conservação, Recuperação e Preservação Ambiental do Manguezal de Canavieiras, da organização não governamental (ONG) PANGEA (Dumith, 2017, p. 196), e o acordo de pesca do município de Canavieiras, mencionado por um/a liderança da Resex de Canavieiras durante uma conversa que tive com ela/e no primeiro dia de novembro.

Dumith (2012, p. 102) reporta que até a década dos anos 2000, as práticas tradicionais de extrativismo pesqueiro em Canavieiras e arredores vinham sendo impactadas negativamente. A pesca industrial, com destaque para a de lagosta, a expansão da carcinicultura e a especulação imobiliária ocasionaram sobrepesca e depredação do meio físico e cultural. Além disso, entre 2001 e 2003, um fenômeno anômalo de mortalidade de caranguejo-uçá, associado à carcinicultura na região, foi detectado em manguezais de Una, Canavieiras e Belmonte (Schmidt et al., 2008 *apud* Dumith, 2017, p. 189-190).

Em 2002, pescadoras/es dos núcleos de pesca artesanal em Canavieiras denunciaram outros impactos negativos vinculados especificamente à carcinicultura: a mortalidade de peixes e crustáceos nos Rios Cedreiro e Cotovelo, a contaminação de rios por efluentes produzidos pelo cultivo de camarão, o assoreamento e desmatamento de manguezais, a destruição de apicuns – tipo de planície hipersalina –, a interdição de acessos à manguezais e a portos, o assoreamento de rios, a drenagem de brejos e lagos, o escape de espécies exóticas de camarão para os rios e a morte e/ou isolamento de alevinos de fauna aquática local quando a água onde estavam era bombeada para dentro dos tanques das fazendas (Rede MangueMar Bahia, s.d. *apud* Dumith, 2017, p. 190-191).

Mas quando manifestada qualquer oposição à carcinicultura em Canavieiras, havia retaliação. Pescadoras/es artesanais, funcionárias/os do IBAMA e integrantes de ONGs que atuavam na região foram

³População de Canavieiras: 33.460 em 1970, 42.122 em 1980, 33.019 em 1991, 35.322 em 2000, 32.336 em 2010 e 32.683 em 2022 (IBGE, 2012 *apud* Dumith, 2012, p. 98; IBGE, 2023).

ameaçadas/os de morte. Além disso, pessoas do primeiro grupo foram ameaçadas/os de terem seus barcos queimados e uma liderança de Barra Velha teve seu poço artesiano contaminado propositalmente. No mais, trabalhadoras/es nas fazendas de camarão que tinham algum grau de parentesco com lideranças do movimento de pescadoras/es artesanais foram demitidas/os (Rede Manguemar Bahia, s.d. *apud* Dumith, 2017, p. 191). O início do processo de criação da Resex de Canavieiras se deu nesse contexto de revolta (Dumith, 2017, p. 191).

Após terem conhecido a Resex da Baía do Iguape, a primeira Resex a ser decretada na Bahia, em 11 de agosto de 2000, integrantes do Instituto de Conservação de Ambientes Litorâneos da Mata Atlântica (ECOTUBA), entidade engajada nas discussões a respeito da mortandade de caranguejos-uçá, apresentaram a ideia de uma Resex a um grupo de marisqueiras de Canavieiras (Oliveira, 2012 *apud* Dumith, 2017, p. 191). Em nenhuma das dissertações nem teses que revisei até agora encontrei informação sobre o debate que levou a “um grupo de extrativistas locais, com o apoio de algumas instituições governamentais e não governamentais, chegarem à conclusão de que uma Reserva Extrativista Marinha poderia ajudá-los a atingir a sustentabilidade no uso de seus recursos pesqueiros e a garantir direitos para melhorar a sua qualidade de vida”, como reportado por Dumith (2012, p. 103). No entanto, o processo pós-convencimento sim foi documentado.

Ainda no ano 2000, um grupo de pescadoras/es, liderado pela marisqueira Wilma Xavier, conseguiram 118 assinaturas em apoio à criação de uma Resex em Canavieiras. O grupo também solicitou a abertura do processo de criação da Reserva, assessorado pelo sociólogo Orlins, então servidor público da Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura de Canavieiras (PANGEA, 2007 *apud* Dumith, 2017, p. 191-192). A solicitação foi enviada pela Associação de Pescadores do Puxim do Sul, pois o grupo de marisqueiras de Canavieiras não tinha uma entidade legalmente constituída, o que é um requisito do processo (Oliveira, 2012 *apud* Dumith, 2017, p. 192). O Escritório Regional do IBAMA em Ilhéus a recebeu e depois a encaminhou ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade Associada a Povos e Comunidades Tradicionais (CNPT) do IBAMA em Salvador (PANGEA, 2007 *apud* Dumith, 2017, p. 191-192). O seguinte passo foi uma reunião entre a gerência executiva do IBAMA com o PANGEA, ONG que já realizava estudos no município, para criar um programa de trabalho conjunto e em apoio à criação da Resex (Aguiar, 2011 *apud* Dumith, 2017, p. 195).

Em 2002, o CNPT enviou um grupo de técnicas/os a Canavieiras para verificar a petição e avaliar a viabilidade de criação da Resex no local. Em parceria com a Prefeitura, foram feitas visitas às comunidades, estudos socioeconômicos preliminares e reuniões com representantes de extrativistas, da Colônia de Pescadores Z-20 e de grupos ambientalistas. As reuniões, realizadas entre agosto e novembro desse ano, giraram em torno à origem e funções das Resex, à definição dos passos a dar para criar e desenvolver a Resex em Canavieiras, e à identificação das pessoas e entidades responsáveis por dar esses passos (Aguiar, 2011 *apud* Dumith, 2017, p. 196-197). A partir deste trabalho foi conformado o grupo Pró-Resex (PANGEA, 2007 *apud* Dumith, 2017, p. 195-196).

No mesmo ano, o CNPT promoveu a primeira audiência pública para discutir a criação da Resex, por ser um pré-requisito do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Já no começo de 2003, foram aplicados os questionários socioeconômicos fornecidos pelo CNPT, em casas onde a pesca era tida como a principal atividade da unidade familiar. Ao todo foram entrevistadas 313 pessoas nos sete núcleos pesqueiros de Canavieiras e três comunidades mais: Brasas, Curva do Leão (Km 18) e Volta dos Currais. Em 2004, a assessoria de Meio Ambiente de Canavieiras enviou um ofício ao CNPT solicitando informações sobre a petição de criação. E em 2005, entidades locais enviaram uma carta ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) para reforçar seu apoio à criação da Resex (Aguiar, 2011 *apud* Dumith, 2017, p. 197).

Em 2005, depois dos apelos comunitários, o CNPT promoveu a segunda audiência pública. Ela foi realizada na área externa da Associação dos Moradores da Barra Velha e teve a participação de aproximadamente 500 pessoas (PANGEA, 2007 *apud* Dumith, 2017, p. 197). Com exceção da representante do ramo de empreendimentos turísticos, o resto das/os participantes se pronunciaram a favor da criação da Resex, a saber: as seis associações representantes dos segmentos extrativistas pesqueiros de Canavieiras, o prefeito

municipal, o IBAMA e o PANGEA (Aguiar, 2011 *apud* Dumith, 2017, p. 198). Por fim, em 5 de junho de 2006, a Reserva Extrativista de Canavieiras foi criada. Ela possui 100.645,85 hectares, sendo que aproximadamente 84% (85 mil ha) da superfície corresponde a mar aberto e o resto a ambientes continentais dos municípios de Una, Canavieiras e Belmonte. A área continental inclui praias, restingas, rios, apicuns e, principalmente, manguezais (Brasil, 2006).

Raquel Dumith (2017), na sua tese, apresenta testemunhos de lideranças entrevistadas, sobre diversos temas. Uma liderança de Barra Velha explicou por que localidades de Belmonte e Una foram incluídas no polígono da Resex de Canavieiras.

Belmonte, se ficasse de fora, ia passar fome. Una é porque Comandatuba é distrito de Una e tem um pedacinho do continente (comunidade de aglomerado de casa. Ali mora pessoas que são pescadores e são colonizadas) dentro da Resex. (Dumith, 2017, p. 199).

Outra liderança da Associação Mãe dos Extrativistas da Reserva Extrativista de Canavieiras (Amex) explicou por que alguns núcleos de pescadores de Canavieiras ficaram dentro ou fora da poligonal da UC, apesar de todos passarem a ser influenciados pela Reserva.

[...] infelizmente, nós não tivemos a condição de abarcar o que nós tínhamos a necessidade de abarcar, que seria toda essa área. Então, nós resolvemos delimitar a área da Reserva Extrativista levando em consideração as áreas de uso mais efetivas: os manguezais e as ilhas costeiras. Barra Velha, Puxim da Praia, Atalaia e Campinhos, essas são comunidades tradicionais que ninguém tem sombra de dúvida que são comunidades tradicionais. Mas nós temos Puxim [do Sul] e Oitica que são antigos assentamentos [de reforma agrária]; são áreas ocupadas por agricultores, agricultores familiares e têm também populações tradicionais lá que são pescadores artesanais. A sede do município, não se justifica você botar uma área urbana consolidada como essa aqui. (Dumith, 2017, p. 200).

E outra liderança de Barra Velha manifestou seu pensamento sobre o que a criação da Resex de Canavieiras significou para ele.

Territorialidade sempre existiu. Na verdade, a Resex veio pra dar visibilidade pro público lá fora que existia isso desse jeito, essa coisa de organização, de liderança, já existia antes da Unidade [de Conservação]. A Resex impulsionou o interesse maior de se unir mais ainda. Na minha opinião, a Resex já existia informalmente, mesmo sem ter um território demarcado pra dar visibilidade lá pros de fora. Pra mim, a Resex não faz o extrativista, o extrativista faz a Resex (Liderança da Barra Velha). (Dumith, 2017, p. 199)

Um dos primeiros conflitos em que as comunidades pesqueiras artesanais usaram a figura da Resex de Canavieiras como escudo foi contra um empreendimento petrolífero. Em 2002, a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP) concessionou o bloco BM-J-2 à Queiroz Galvão Exploração e Produção S.A. para exploração de petróleo e gás (Dumith, 2017, p. 200). Porém, o IBAMA só deferiu à empresa a Licença Prévia para a perfuração do bloco em 2009. Dado que a Resex estava dentro da área de influência das atividades a serem realizadas no bloco licenciado, a Queiroz Galvão precisou negociar com as comunidades tradicionais e com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão público responsável pela gestão oficial das UC federais, como é o caso da Resex de Canavieiras.

O que leva a Queiroz dizer que cedeu uma área do Bloco pra Resex? Ela estava abrindo mão de uma região do Bloco por conta do alto custo de exploração do gás. As águas são muito rasas. Águas rasas obrigam um processo por conta das questões socioambientais. Em águas rasas está a pesca, o turismo, os manguezais etc. Isso custa caro. Aí aproveitaram e disseram que iam ceder pra Resex, mas sabiam que teria uma queda de braço. Podia ser que o Governo entendesse que a indústria de exploração de gás era mais importante, valorosa, e até perder a Resex. Mas também naquele momento o contexto era mais promissor pros extrativistas. Era começo do governo PT [Partido dos Trabalhadores], que queria fazer jus ao que prometeu ao povo, com uma Ministra do Meio Ambiente [Marina Silva] em ascendências. (Dumith, 2017, p. 201-202).

Foi estabelecido o Plano de Compensação da Atividade Pesqueira (PCAP), medida compensatória exigida pelo IBAMA às empresas petrolíferas condicionadas ao processo de Licenciamento Ambiental Federal

(Dumith, 2017, p. 202). A seguir, um o depoimento de lideranças da Amex sobre o assunto, registrado durante um grupo focal conduzido por Raquel Dumith.

[...] o PCAP veio por conta de estarem em bancos pesqueiros. A Resex garantiu [o uso exclusivo de] 10 milhas náuticas. [...] Eles foram explorar nas 14 milhas pra perfurar. Só que acontece que têm locais nessas 14 milhas que dá 35 metros de lâmina d'água, então é banco pesqueiro. [...] É ponto de pesca que maioria dos pescadores que usam dão da Resex. Então, em determinadas épocas do ano, tem pescador que sai das 10 milhas. Por isso tiveram que arcar com compensação diante do impedimento à atividade pesqueira. Não por compensação ambiental; o PCAP é impedimento da atividade pesqueira. [...] Há um cordão de isolamento e o rebocador pede pro pescador se retirar, em um raio de 500 metros, um quilômetro. E por conta da luminosidade da plataforma à noite, o peixe se refugia (Dumith, 2017, p. 202).

A CGPEG deferiu à QGEP a Licença de Operação em 2011 e a renovação dela no ano seguinte. As atividades petrolíferas ocorreram entre 2011 e 2013 (Dumith, 2017, p. 202), mas posteriormente o bloco foi devolvido à ANP porque o estudo de viabilidade técnica e econômica não projetava resultados que justificassem a continuação dos investimentos na área concedida (Amaro, 2016, p. 51 *apud* Dumith, 2017, p. 202).

Desde o decreto da Resex de Canavieiras, tem havido significativos conflitos entre quem é a favor e quem é contra a UC (Dumith, 2012, p. 103). Porém, desenvolverei esse tema em outro momento, para outro protótipo de capítulo.

CO-CONSTRUÇÃO DO TEMA DE PESQUISA JUNTO A LIDERANÇAS PESQUEIRAS ARTESANAIS DA RESEX DE CANAVIEIRAS

Em setembro de 2022, passei em Atalaia as duas semanas do intervalo entre quadrimestres da universidade, por sugestão da minha mãe. Ela disse que seria uma boa oportunidade para conhecer o lugar e as pessoas de onde iria morar proximo. Algumas semanas antes da viagem, entrei em contato por mensagens com um jovem atalaense que esteve presente na reunião ordinária do Conselho Deliberativo da Resex que mencionei na introdução deste texto. Me apresentei, lhe expliquei minha intenção de passar o intervalo escolar na Resex de Canavieiras e lhe pedi indicações de hospedagens dentro da comunidade. Pela confiança que senti ao estar me comunicando com outro jovem estudante, também lhe confessei que estava me sentindo um pouco apavorada pelo eventual encontro “cara a cara” com as/os extrativistas da Resex.

Cheguei em Atalaia no domingo 11, mas esperei até o dia seguinte para tentar conversar com a única liderança da Resex, moradora de Atalaia, da qual tinha referência até esse momento. A professora Tati fazia referência a ele como uma das maiores lideranças do movimento das Resex marinhas no Brasil e um par de anos depois fiquei sabendo que naquele momento também presidia a Comissão Nacional de Articulação das Resex Marinhas e Costeiras (CONFREM). Na manhã da segunda-feira 12, fui na então sede da Amex para tentar conversar com ele. Tive sorte, pois estava no local e aceitou me receber na sala que usava. Em primeiro lugar, me apresentei como estudante do PPGES que queria fazer uma pesquisa junto com as pessoas da Resex de Canavieiras, e também como interessada em morar em Atalaia para estar mais próxima das dinâmicas da Amex. Em seguida, e da forma mais resumida possível, expliquei que estudei o mestrado em Gerenciamento Costeiro na FURG sob orientação da Tati e que foi ela quem me sugeriu propor um projeto de pesquisa a ser executado na Resex de Canavieiras. Lhe perguntei se a conhecia e, depois de descrever a aparência física dela, respondeu que sim. Inclusive, ele brevemente explicou o protagonismo da professora para que a Amex desse seus primeiros passos. Tendo esse ponto ao meu favor, continue o depoimento me sentindo um pouco mais tranquila.

Expliquei que o processo seletivo 2022 do PPGES exigiu às/aos candidatas/os a apresentação de um anteprojeto “pronto”, que a proposta que submeti foi uma co-construção entre a Tati e eu, e que o tema central da pesquisa era a análise do processo de formação de extrativista da Resex de Canavieiras enquanto lideranças políticas. Mas pedi para não considerar o anteprojeto como algo inalterável; devia ser visto apenas

como a 'chave' de entrada à Universidade e às condições materiais da minha manutenção em Atalaia (bolsa de estudo), e não como uma sentença do que será feito, mas como um ponto de partida para a construção do tema da pesquisa, sempre que considerássemos minhas limitações. Em ordem de seriedade, de acordo aos meus entendimentos, elas são: não ser pescadora, não ter colaborado previamente com as lutas da Resex de Canavieiras e não ter o português como língua materna. Finalmente, expliquei que a metodologia que desejava usar era a Investigação-Ação Participativa, caracterizada por ter as perguntas de pesquisa e objetivos definidos pela própria comunidade (Torres Carrillo, 1999, p. 137-146). A liderança me escutou pacientemente e finalmente respondeu. Me deu as boas-vindas à comunidade, disse que a Amex me apoiaria das formas que suas/es integrantes conseguissem e que eu deveria procurar conversar com as/os extrativistas mais idosas/os da Resex de Canavieiras para me informar de primeira mão das batalhas que o coletivo tem travado. Sobre o tema da pesquisa, disse que a Amex não iria me impor um tema de pesquisa, mas que também não aceitaria imposições. Finalizou dizendo que o tema da história de lideranças lhe parecia relevante e que podíamos continuar construindo o tema a partir dele.

No final de fevereiro de 2023, me mudei para Atalaia. Nesse momento já tinha aprovado as disciplinas obrigatórias presenciais do PPGES. Em 15 de março, me encontrei com outra liderança da Resex de Canavieiras, desde vez de Barra Velha, na antiga sede da Amex, para lhe apresentar a proposta de pesquisa. Repeti as informações que trouxe para a primeira liderança, fazendo as atualizações necessárias, no caso, já sendo moradora de Atalaia. Quando assinalei que tinha terminado, ele fez suas considerações. Disse que o fato de eu identificar e falar sobre minhas limitações lhe sugere um tanto de humildade da minha parte. Depois, que o tema da formação política das lideranças da Resex de Canavieiras lhe parece interessante, mas que é possível que não o seja para a Reserva como um todo. Neste ponto explicou que por mais indagações que faça, é possível que não obtenha o "quebra-cabeça" completo porque as lideranças poderiam evitar compartilhar informações estratégicas comigo. O seguinte ponto assinalado foi uma sugestão: ir na minha comunidade, me aproximar das pessoas de lá e colaborar com as lutas delas. Confesso que a sugestão me causou incômodo pois atualmente identifico que não faço parte de uma comunidade que seja territorializada ou esteja lutando para sê-lo, como descrito no livro "Por Terra e Território" do Mestre Joelson e Erahsto Felício (2021). Mas, esta e outras provocações vividas na Bahia tem me provocado a refletir sobre meus vínculos com os grupos originários Nahuatl e Purépecha, assim como as lutas por Terra e Território de grupos originários no México.

Continuando com suas colocações, a liderança me explicou por que acredita que mesmo se eu fizesse um levantamento do histórico das lideranças vinculadas à Resex de Canavieiras, esse conhecimento não poderia ser "copiado e colado" para a gestão de outras Unidades de Conservação. A principal razão é que as pessoas, sendo distintas, agirão de forma distinta. Explicou este ponto usando o caso das quatro Resex marinhas na Bahia: Corumbau, Baía de Iguape, Canavieiras e Cassurubá. Cada uma têm dinâmicas de gestão e níveis de amadurecimento político distintos porque seus povos são distintos. Também, ponderou que na atualidade poderia estudar o tema proposto dada a relativa "paz" que há na gestão da Resex de Canavieiras, mas que entre os anos 2015 a 2019 teria sido impossível. Em 22 de setembro de 2015, o então Deputado Sérgio Brito (Partido Social Democrático-PSD/BA) apresentou o Projeto de Lei (PL) 3.068/2015 que propunha a recategorização da Resex em Área de Proteção Ambiental (APA), mas em 5 de novembro de 2019 a proposta foi totalmente arquivada (Câmara dos Deputados, 2019)⁴. Disse que durante esse período de "crise", a oposição contra o PL era a prioridade das/os extrativistas da Resex de Canavieiras. E ainda na mesma linha de pensamento, augurou que se a pesquisa for feita junto às lideranças hoje em dia, a investigação revelaria estratégias úteis unicamente para tempos de paz.

Além das apresentações que acabei de descrever, fiz a mesma dinâmica junto com sete lideranças mais,

⁴Atualmente há uma nova PL com a mesma petição (texto idêntico), tramitando na Câmara dos Deputados. Ela é a PL 2.381/2021, de autoria do senhor Uldurico Junior, do Partido Republicano da Ordem Social (PROS/BA) (Câmara dos Deputados, 2021).

entre março e abril de 2023⁵. De forma generalizada, elas/es me deram as boas-vindas, disseram achar interessante o tema da proposta de pesquisa no anteprojeto, se disponibilizaram para me apoiar no que puderem e me desejaram sucesso. Em 13/04 e 02 e 04/05 ainda tive novas conversas com a liderança de Atalaia e a de Barra Velha que influenciaram o amadurecimento do tema da pesquisa. Os diálogos foram sobre as experiências boas e ruins da Resex de Canavieiras interagido com acadêmicas/os universitárias/os, as principais lideranças aliadas à Resex de Canavieiras em cada núcleo pesqueiro – pois também há extrativistas contrárias/os à existência da UC –, o “racismo acadêmico” sentido por um deles, as implicações que teria minha participação enquanto ouvinte da “Iª Reponta das Marés e das Águas”, encontro nacional organizado pela CONFREM, nos dias 22 a 26 de maio de 2023, em Brasília/DF e Luziânia/GO, e sobre como representantes de Universidades e da pasta ambiental pública atuam em sincronia para impedir que setores populares da sociedade, como as/os extrativistas, atinjam autonomia completa na gestão do seu território.

No encontro de 04 de maio deste ano, depois da conversa com a liderança de Barra Velha, lhe disse que o conteúdo das conversas que acabava de ter com ele e com a liderança de Atalaia me fizeram compreender o quão valiosas são as contribuições deles para a construção do tema pesquisa e que isso me provocava a entender minha relação com eles como orientadores-orientanda. Ele escutou e balançou a cabeça em forma de aprovação. Comuniquei esta decisão à orientadora acadêmica em junho e ao co-orientador acadêmico em agosto, após o Conselho do PPGES ter aprovado a solicitação de oficialização de co-orientação do professor. Ambas/os acolheram a ideia e salientaram a importância de reconhecer a influência de extrativistas na idealização da pesquisa. A orientadora lembrou que há precedentes na UFSB de pessoas sem títulos acadêmicos, mas com notório saber tradicional, fazerem parte de bancas de qualificação e defesa de trabalhos de pesquisa. Por sua vez, o co-orientador indicou leituras do antropólogo José Jorge de Carvalho, estudioso do notório saber de mestras/es de povos e comunidades tradicionais.

CONCLUSÕES

Hoje em dia, a proposta de pesquisa está amadurecida graças à intensidade de interação que tenho tido com lideranças pesqueiras artesanais da Resex de Canavieiras, dentro e fora desse território, ao longo de dez meses, assim como aos encontros de orientação acadêmica com a professora e o professor da UFSB. A proposta ainda deverá ser cadastrada no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) do ICMBio e discutida no Conselho Deliberativo da Resex de Canavieiras, conforme a Instrução Normativa IBAMA nº 154/07 (IBAMA, 2007). Já a submissão da proposta ao Comitê de Ética de Pesquisa da UFSB, que deverá ser posterior ao processo no SISBIO, será ponderada pelas/os orientadoras/es acadêmicas/os e por mim, dada a natureza autoetnográfica que estou adotando. Seja como for, o aval comunitário, aspecto que considero mais importante, estará garantido com o processo de co-construção da proposta.

REFERÊNCIAS

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Tradução: Sérgio Joaquim de Almeida. Revisão de tradução: Henrique Caetano Nardi. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. Obra original: “Guide de l’enquete de terrain – Produire et analyser des données ethnographiques”. Paris: Éditions La Découverte, 1997.

BRASIL. **Decreto de 5 de junho de 2006**. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista de Canavieiras, localizada nos municípios de Canavieiras, Belmonte e Una, Estado da Bahia, e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, 06 jun. 2006. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **PL 3068/2015**. Última atualização: 31 jan. 2019. Disponível em: . Acesso em: 16 dez. 2023.

⁵Datas: 02 e 09/03, lideranças de Campinhos; 06 e 08/03 e 28/04, de Atalaia; 04/04, da sede municipal; e 31/04, de Puxim do Sul.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 2.381/2021**. Apresentada em: 30 jun. 2021. Disponível em: . Acesso em; 18 dez. 2023.

CAVALCANTE, Aniram Lins. **A arte da pesca: análise socioeconômica da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2011. Disponível em: . Acesso em: 13 dez. 2023.

CAVALCANTE, Aniram Lins. **Reservas Extrativistas Marinhas na Bahia: uma análise socioeconômica e ambiental da pesca artesanal**. 2016. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, 2016. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2023.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 6. ed. rev. amp. São Paulo: HUCITEC; NUPAUB/USP, 1994. Coleção Ecologia e Cultura, 1. Disponível em: . Acesso em: 16 dez. 2023.

DUMITH, Raquel de Carvalho. **Dinâmicas do sistema de gestão na Reserva Extrativista de Canavieiras (BA): análise da robustez institucional e de possibilidades para o ecodesenvolvimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2012.

DUMITH, Raquel de Carvalho. **Tensões territoriais na Reserva Extrativista de Canavieiras (BA): comunidades tradicionais enquanto movimento de r-existência à gestão estatal e sua racionalidade**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: . Acesso em: 09 dez. 2023.

FEREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

IBAMA. **Instrução Normativa 154, de 01 de março de 2007**. Institui o Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO. Brasília: Diário Oficial da União, 02 mar. 2007 Disponível em: . Acesso em: 17 dez. 2023.

IBGE. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: . Acesso em: 12 dez. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2023.

RICŒUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução: João Batista Botton. **Kriterion: revista de Filosofia**, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012. Obra original: "Entre Temps et récit: concorde/discorde". Grenoble: Université des Sciences Sociales de Grenoble, 1982. Disponível em: . Acesso em: 08 dez. 2023.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectiva e desafios. **Plural**, Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2013.

TORRES CARRILLO, Alfonso. **Aprender a investigar en comunidad II**. Enfoques cualitativos y participativos en investigación social. Santafé de Bogotá, D.C.: Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Nacional Abierta y a Distancia (UNAD), 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.